

Obra cultural e científica: Contribuições de Otto Groth para a construção de Teorias do Jornalismo¹

Cultural and scientific work: Contributions of Otto Groth to the construction of Theories of Journalism

Lilian Ferreira Magalhães ²

Resumo: O artigo é um ensaio reflexivo sobre as contribuições de Otto Groth para o campo do Jornalismo por meio da sua obra “O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais”, mais especificamente o capítulo “A tarefa da pesquisa científica sobre a cultura”, em que se discute a essência, finalidades e regularidades do jornal enquanto obra cultural que faz a mediação entre jornalista, obra e audiência. Para tanto, o autor nos leva a olhar as estruturas internas desse sistema, onde o papel do pesquisador é de fornecer regularidades que compreendam a obra para além da sua materialidade.

Palavras-Chave: Teorias do Jornalismo; Cultura; Ciência dos Jornais.

Abstract: This article is a reflective essay on Otto Groth's contributions to the field of Journalism through his work “The unknown cultural power: foundation of the Science of Newspapers”, more specifically the chapter “The task of scientific research on culture”, in which the essence, purposes and regularities of the newspaper as a cultural work that mediates between journalist, work and audience are discussed. To do so, the author takes us to look at the internal structures of this system, where the role of the researcher is to provide regularities that understand the work beyond its materiality.

Keywords: Theories of Journalism; Culture; Science of Newspapers.

1. Introdução

Publicado para a língua portuguesa em 2011, “O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais”, de Otto Groth, possui em seu livro três capítulos de discussões do autor para o campo do conhecimento e construção das teorias do Jornalismo enquanto ciência. Os volumes originais, que exigiram trinta anos de produção do autor, resultaram em um clássico, e leitura fundamental para estudiosos do jornalismo.

Otto Groth, nascido na Alemanha de 1875, iniciou seus estudos em jornalismo com 22 anos, e apesar de ter dedicado quase toda sua vida em estudos de jornalismo, o mesmo nunca pôde assumir um cargo como professor efetivo, por ser descendente de judeus. Suas obras, inclusive esta que estudamos aqui, foram ameaçadas de cair no esquecimento por muito tempo, uma vez que a ideologia nazista que assolava o país na época ditava as formas como a comunicação deveria ser instrumentalizada em prol de vantagens políticas.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPG-Jor). E-mail: lilianfmagl@gmail.com.

A presente obra de Groth (2011) traz fundamentos para o debate sobre o que o jornalismo foi, é e vem a ser futuramente. Seu olhar para a prática jornalística por meio da ciência é essencial para o desenvolvimento de um campo com autonomia de suas leis próprias, e digno de ser reconhecido como forma de conhecimento legítima. Por isso, ao mergulhar na leitura (e releitura) da obra, a forma com que Groth (2011) concebe o jornalismo passa a ser mais fluída e natural para o leitor interessado em entender esses aspectos complexos da Ciência dos Jornais por um ponto de vista que não abstrai as finalidades humanas do jornalismo.

Guiada por uma leitura da revisão de textos focado no capítulo sobre as características essenciais dos jornais, de Xavier e Pontes (2019), esta pesquisa parte do interesse por compreender as contribuições de Groth (2011) em capítulo do mesmo livro, em que se discute o sentido e o lugar epistemológico da Ciência dos Jornais com relação à outras ciências do escopo cultural e social. Desta forma, o volume que embasa esta discussão é a parte introdutória do livro, “A Ciência dos Jornais”, cujo capítulo “A tarefa da pesquisa científica sobre a cultura” toca nos aspectos que condicionam o reconhecimento do jornalismo como obra cultural, e a autonomia do campo jornalístico com relação a outras ciências culturais e sociais.

Em primeiro lugar, sobre o que entendemos por “ciência da cultura”, podemos dizer também ciência de espírito, cujo objeto é a vida humana em uma perspectiva objetivada, ou Groth (2011, p.96) entende que as materializações do jornal são obras culturais objetivadas, que surgem de uma ideia do ser, do sujeito, e, a partir disso, é compreendida como uma criação teleológica dos humanos para os humanos. Passamos a pensar, então, de que forma a pesquisa pode trabalhar conceitos tão complexos, como de espírito, para entender a relação intrínseca entre homem e criação, sujeito e obra. Daí, a urgência por compreendermos a Ciência dos Jornais em uma perspectiva que condiz com sua criação é proposta por Groth (2011):

Ao conhecer os valores e as finalidades universais que guiam o periódico, nós também conseguimos um olhar completo na consciência social e cultural da sociedade moderna, em cada época e em cada povo. A pesquisa das Ciências dos Jornais sempre é pesquisa social e cultural em geral (GROTH, 2011, p.82).

O autor ainda se revela preocupado, em todo o corpo do texto, com o que a Ciência dos Jornais traz de único para o campo científico, pois para ele, para que uma ciência garanta sua autonomia, é preciso reivindicar seu objeto para estudá-lo em uma perspectiva própria (GROTH, 2011, p.31). Ainda, o autor parte de uma lacuna na qualificação de leis do jornalismo como um todo, seja nas suas representações ou no seu agir.

A Ciência dos Jornais não conseguiu trazer muita clareza até agora sobre o que elas dizem, significam e provocam. As leis próprias, assim como qualquer lei, significam comportamento constante, uma similaridade na existência, no porvir e no agir da obra cultural, que se fundamenta na já descrita essência, que é comum a todas as manifestações do sistema cultural (GROTH, 2011, p.105).

Nesta mesma orientação, Groth (2011) afirma que, para definirmos o objeto da Ciência dos Jornais, aqui entendido como obra cultural, é preciso impor critérios de reconhecimento de características e propriedades únicas dele, aqui entendido como “essência” do objeto.

Para uma Ciência dos Jornais, o “essencial”, ou seja, o importante fundamentado, é exclusivamente a “ideia”, a “essência”, a “natureza” das obras - a similaridade do seu sentido, seus lados considerados essenciais, suas qualidades constantes, as “características” e a estrutura dessa unidade (GROTH, 2011, p.35).

Posto isso, cabe destacar outro termo que guia a compreensão do pesquisador encarregado por pesquisar o Jornalismo: o sentido. O objeto que materializa a essência do jornalismo, independente de sua forma de representação ou conteúdo, precisa compor de características que correspondam ao sentido e a essência dessa mesma classe de objetos, como propõe Otto W. Haseloff (s.d. *apud* GROTH, 2011, p.102).

Desta forma, o trabalho do pesquisador preocupado com as condições que definem o objeto da Ciência dos Jornais é ter a capacidade de elevar conexões das características do jornalismo para o que entendemos como típico, ou comum, em busca de uma “uniformidade interna específica” (Groth, 2011, p.35) de sua totalidade.

Indicadas as pistas de como Groth (2011) concebe o jornalismo não apenas como um fenômeno próximo da cultura, mas como parte integrante dela, o autor busca sistematizar os sistemas que interligam o objeto da Ciência dos Jornais com as ciências da cultura.

A Ciência dos Jornais, cujo objeto é parte do cosmo cultural e social, tem não só que investigar as leis próprias deste, como também tem que conhecer as dos outros sistemas culturais e sistemas sociais, inclusive os da sociedade moderna como um todo, com a ajuda das ciências respectivas. A teoria da Ciência dos Jornais tem então que tentar esclarecer o geral e o constante, o regular. Ela tem que tentar esclarecer as correlações e integrações entre os sistemas culturais e sociais, entre a sociedade moderna como um todo por um lado e a imprensa periódica de outro lado, as quais surgem das leis próprias de ambos os lados (GROTH, 2011, p.110).

É preciso esclarecer que, apesar da relevante discussão sobre método, este artigo tem como único objetivo revisar os conceitos que o autor propõe na concepção do jornalismo enquanto obra cultural dentro do campo científico. Sendo assim, a pesquisa se debruça no pensamento de Groth (2011) acerca dos conceitos que assimilam o sentido do jornalismo enquanto obra e objeto de campo científico próprio.

2. Jornalismo visto como obra cultural no campo científico

A estreita relação entre a Ciência dos Jornais e a ciência da cultura, assim descrita anteriormente, reside na objetivação do jornalismo enquanto criação humana, afinal, como aponta Groth (2011, p.33), “Jornais e revistas são obras culturais. Cultura é entendida aqui como o conjunto das criações mentais humanas que cresce e muda continuamente. Assim a Ciência dos Jornais é a ciência de obras culturais, é uma ciência da cultura”.

Afinal, por que o autor define como tão relevante o ato de conceber o jornalismo como obra cultural? Pois, apenas ao contemplá-lo assim, entendemos sua finalidade em cada instância, desde sua criação que parte da ideia do indivíduo, a organização social que o mesmo

permeia e a sua capacidade enquanto poder cultural. Aliás, o fundamento teleológico em que o jornalismo se forja é compreendido como algo psíquico, formador e transformador do homem, que tem poder de moldar pensamento, crença, vontade, entre outros muitos fatores que são alterados conforme o jornalismo permanece a existir e influenciar as vidas dos indivíduos.

Podemos aproximar outros autores que olharam para o jornalismo como parte fundamental do condicionamento da sociedade. Robert Park (2008), sociólogo e jornalista, avalia a obra da Ciência dos Jornais, no caso a notícia, por uma perspectiva psíquica de condução do ser humano inserido no contexto social, “A função da notícia é de orientar o homem e a sociedade num mundo real. À medida que ela consegue isto, a notícia tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência na sociedade” (PARK, 2008, p.69).

Seguindo esta mesma lógica, Groth (2011) nos leva a pensar ainda na proposição de que, não apenas a Ciência dos Jornais, mas principalmente sua obra, por ser de criação e finalidade humana, são passíveis de constantes mudanças, especialmente na sua condição objetivada mais (re)conhecida, a de periódico.

Foi um achado significativo, absolutamente transformador quando uma cabeça cheia de ideias descobriu na virada do século XVI que o rendimento de notícias atuais de todo o mundo, impressas isoladamente, como era até então corriqueiro, pode ser combinado com a publicação contínua, com a periodicidade do publicar e que com isso pode alcançar-se uma ocupação duradoura e uma receita contínua (GROTH, 2011, p.106).

As características de periodicidade e publicidade que ilustram esta materialização do jornalismo são acompanhadas também de outros dois atributos, a atualidade e universalidade. Não sendo o objetivo deste texto em discriminá-las, se considera suficiente contemplar apenas a interdependência das características que respondem às demandas sistematizadas pela sociedade em que o produto “jornal” se manifesta. Deste modo, podemos reiteirar a capacidade do jornalismo em ser fenômeno de necessidade humana ao longo de toda a sua história, “Justamente o jornal, a revista são exemplares na extensão e na multiplicação excepcional da utilidade e prestatividade instrumental de uma obra cultural” (GROTH, 2011, p.78).

Entretanto, apesar de ser um objeto multifacetado, é preciso pensar, impreterivelmente, na autonomia do jornalismo, no que há de único em sua essência, aqui pensado na Ciência dos Jornais. É no trajeto do pensar nas suas particularidades, transformações e percursos psíquicos de efeito social, que Groth (2011) vê a capacidade em conhecermos verdadeiramente as obras

culturais. Não obstante, seu interesse vai para além do que enxergamos do jornalismo em sua manifestação por meio da forma ou conteúdo, pois estes aspectos não determinam efetivamente objeto de estudo da Ciência dos Jornais, então, para Groth (2011, p.36), “O que interessa em uma obra cultural é a essência, o sentido”.

É aspirada no objetivo em entender a Ciência dos Jornais pelo entendimento do seu objeto na condição de obra cultural, que utilizamos o pensamento de Groth (2011) para guiar nossa concepção no discernimento do processo entre a ideia de um jornalismo e suas materializações, e, no campo da pesquisa, vislumbramos uma tarefa de aprimorá-lo.

3. Relações simbólicas da mediação jornalística

Entendemos, no tópico anterior, a concepção de Groth (2011) em como a Ciência dos Jornais é convergente com a ciência da cultura, e a materialização do jornalismo, por meio de jornais e revistas (aqui podemos pensar também em outros formatos, como o rádio, televisão, meios digitais, entre outros que estão inseridos na realidade da tecnologia midiática da contemporaneidade), são obras culturais teleológicas, com características essenciais moldadas segundo necessidades sociais e culturais: periodicidade, publicidade, atualidade e universalidade, explicadas por Groth (2011) como características subsequentes umas às outras:

A universalidade e a atualidade do conteúdo do jornal possibilitam à periodicidade a sua realização constante e a publicidade propicia a elas o acesso às pessoas e com isso a realização da sua essência e das suas finalidades, uma interação recíproca (GROTH, 2011, p.107-108).

Porém, não podemos também cair em uma ideia ingênua de que as finalidades do jornalismo são, unicamente, orientar e/ou educar uma audiência. Para Groth (2011, p.68), entre os principais pressupostos que compõem a finalidade que preveem a existência e continuidade de consumo do jornalismo são “humanos, demasiado humanos”. Nisso, passamos a ver não apenas a forma na qual o jornalismo se forja, mas também o conteúdo que a compõe, desde as prioridades editoriais até a linguagem, e, por este mesmo motivo, é tolo imaginar que todo jornalismo existe por uma única finalidade, ou que ele seja como avalia Groth (2011, p.81), “O mesmo conteúdo pode ser produzido e utilizado por pessoas diferentes para finalidades bem diferentes”.

Assim como Groth, vemos em Park (2008), a noção de como essa relação entre jornalista, notícia e audiência se faz por meio da recepção e engajamento, como se fosse uma

cascata de transmissão de informações entre os indivíduos. Porém, para Park (2008, p.60), ela não é transmitida sem que haja interesse, vontades e percepções diferentes o suficiente para dar espaço à conversação e até mesmo começar discussões.

Posto isso, é imprescindível pensar no poder da mediação do jornalismo neste grande sistema, assim como também existem outras forças de poder que o conduzem e, se não consideradas as leis que o regularizam para que essas tais forças não se sobressaíam nas finalidades do jornalismo, o mesmo pode ter sua essência corrompida:

Mas como o jornal e a revista são meios de formação e condução específicos e indispensáveis para a sociedade moderna e possuem “leis próprias”, cuja desconsideração poderia resultar na sua danificação ou até mesmo destruição, as exigências próprias que resultam destas leis também têm que ser consideradas e respeitadas, não podem ser abandonadas completamente sem mais nem menos a favor das exigências de outros valores também elevados, como os científicos, artísticos, políticos, religiosos (GROTH, 2011, p.51).

Assim, a reflexão que se interpreta aqui é uma proposta de pensar na estrutura do jornalismo diretamente na sua prática, em que vemos o desafio da responsabilidade por trás dessa relação entre jornalista, obra e audiência. Para Groth (2011, p.88), o jornal, concebido como obra, executa um papel de mediador do que é produzido pelos profissionais por trás dele, entendidos pelo autor como “servidores” de sua própria criação. Então, para o jornalista, a posição de servidor do produto jornalístico significa que mesmo tendo consciência da finalidade deste produto, ele precisa também ter clareza sobre outros valores que impactam na sua recepção e possíveis consequências da obra na sociedade.

Nesta lógica, o jornalismo valida um caráter de obra de efeito, ou seja, a finalidade da obra importa para quem o produz, assim como para quem o consome e é movido de acordo com sua percepção individual daquele mesmo produto, como o autor pontua, “No jornalismo coloca-se a exigência de buscar estes objetivos não só para os atuantes nele e para ele, mas sim também para os que o utilizam e o influenciam.” (GROTH, 2011, p.51). Daí, nos é permitido refletir sobre a responsabilidade dessa força que o jornalismo, enquanto mediador, possui para com a formação de opiniões, saberes e sentidos na sociedade, assim justificando sua configuração de obra cultural.

É neste sentido que Groth (2011) fundamenta seu interesse por uma teoria do jornalismo que, ciente dessa condição de efeito que a obra jornalística possui, passa a olhar com cuidado para sua estrutura interna. Exatamente por ter uma multiplicidade de agentes envolvidos, com diversos níveis de controle, entendimento e preferências de uso da obra

cultural, que são os jornais, é quase um problema definir, em consenso, quais são seus valores mais elevados, de que forma as suas normas estão contribuindo para regularizar seus processos de acordo com princípios éticos e deontológicos. Segundo o autor, esse não é um exercício fácil, “Especialmente para o jornalismo, que produz e fornece bens imateriais, qualquer tecnologia sem a dogmática que a fundamenta é impossível, ainda que esta seja pressuposta de forma totalmente ingênua” (GROTH, 2011, p.55).

Lembramos de Meditsch (1997) quando o texto levanta os problemas que compreendem o jornalismo como forma de conhecimento na sociedade. Sabemos que, em uma sociedade cujos jogos de poderes influenciam na construção do conhecimento e do imaginário social podem impactar em aspectos políticos, econômicos e culturais, a forma como a comunicação é instrumentalizada pode ser a chave para firmar ideologias na concepção de um grupo de indivíduos, seja por manipulações ou reforço de conceitos que vão contra o princípio democrático do jornalismo, afinal, como aponta Meditsch (1997, p.11), “Como produto social, o Jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições”.

Sob essa perspectiva, quando falamos de jornalismo pela ótica da tecnologia, muitos aspectos são colocados em cheque, especialmente ao pensarmos nas características da obra (periodicidade, atualidade, universalidade, publicidade), que, por serem intrinsecamente ligadas às necessidades sociais, exigem cada vez mais velocidade na resposta às suas demandas. Por esta razão, orienta-se a construção de teorias que possam conduzir a prática do jornalismo pensando não apenas na entrega do produto como objetivo final, mas também nas outras condições que a definem enquanto obra cultural. Sendo assim, não é apropriado para o jornalismo que a tecnologia seja seu único motor, deixando de lado outras finalidades fundamentais de um produto social e cultural para um todo, como defende Groth (2011):

Se a tecnologia for tomada como diretriz para o cumprimento puro e completo da essência do jornal, sem considerar outros valores do indivíduo, das grandes coletividades, dos sistemas culturais, do todo sociocultural, ou seja, do bem do povo ou do Estado, a moralidade, a verdade, a humanidade, a personalidade e assim por diante, por fim, os valores mais elevados, isto só pode ocorrer a partir de um julgamento dogmático-ideológico, o do extremamente individualista-liberal, técnico-capitalista (GROTH, 2011, p.56).

Ainda, cabe pontuar a influência de outros aspectos sociais, como a exemplo o acesso e financiamento da produção, no resultado final da obra. Logo, cabe à Ciência dos Jornais reconhecer a relevância da assistência de outras ciências na pesquisa do jornalismo (como por

exemplo, a sociologia, a economia e a política), a fim de aprofundar os estudos da sua obra e entender de que forma outros processos sociais, a exemplo do acesso, financiamento, influências políticas e sociais impactam no jornalismo como um todo.

Estando à mesa do pesquisador em jornalismo todos esses fatores que, ao mesmo tempo em que sustentam, também desafiam a Ciência dos Jornais, vemos a necessidade de pôr em perspectiva as questões sociais e culturais que estão inter relacionadas no jornalismo para poder propor regularidades que aprimorem a estrutura interna de produção da obra cultural - os jornais, em todas as suas formas materializadas.

4. Ciência dos Jornais sob a ótica sociocultural

E o que o pesquisador da Ciência dos Jornais pode fazer ao encarar todos os aspectos que influenciam, seja para bem ou mal, o seu objeto de estudo? Groth (2011, p.83) vê, justamente onde encontram-se as falhas da obra, o seu potencial para ser aprimorado. Onde o pesquisador ou o próprio jornalista na prática é desanimado por não conseguir alcançar o sentido final do seu produto, seja por questões sociais, culturais ou econômicas, como explicado anteriormente, é aí que ele deve elevar o seu objeto de pesquisa na perspectiva das ciências culturais, prospectando por aprimorá-la a um “máximo” possível.

Observada essa “lacuna” ou falha no sentido do jornalismo, o problema de pesquisa deve investigar e avaliar as condições em que ele está inserido, e de que forma elas impactam na sua construção. Assim, segundo o autor, o trabalho da Ciência dos Jornais preocupada em indicar os caminhos para aperfeiçoar as condições de produção, recepção e percepção da obra jornalística, se dá por meio da construção de teorias que entendem esse sistema sociocultural e conseguem constatar tipificações e regularidades que são dadas desde as redações até as audiências.

Assim, com estas regularidades tipificadas, o pesquisador é capaz de identificar o que há para aprimorar nestes processos com a disposição de regras elaboradas a partir dos critérios que a teoria visou atender, sendo possível, ainda, vistoriar tendências ou novas questões a serem investigadas por meio da ciência. Entretanto, quando falamos de tendências, é preciso tomar cuidado com o imaginário ideal do que o jornalismo vem a ser, ou pode se tornar. Podemos usar, como representação, o “tipo ideal” do jornalismo, mas aí, voltamos a falar do risco da ingenuidade, pois estamos falando de uma condição materializada dele inserida em um contexto social com uma multiplicidade de percepções e interpretações da sua obra, ou

seja, para Groth (2011, p.120), o tipo ideal não é um modelo regulador, mas sim, uma representação que vai além do alcance da teoria aplicada na realidade.

Nesta lógica, o uso de tipificações é tão relevante para a teoria, pois desta forma, ele abarca um máximo de representações do objeto para entender suas repetições, normatividades e tendências que o representam em um nível universal, ou seja, nas suas percepções gerais, como explica Groth (2011, p.118), “O tipo é um conceito geral das manifestações que as sintetiza em uma seleção (relativamente) livre por meio da concentração das suas variedades em determinadas similaridades (semelhanças) sob a consideração do seu pertencimento estrutural ou funcional a um determinado todo universal”.

Voltamos, então, a pensar nas oportunidades que as regularidades permitem para a Ciência dos Jornais uma sistematização das leis próprias para a condição de objeto de estudo, pensando não apenas no que diz respeito ao jornalismo em si, mas ao contexto social e cultural em que está inserido.

A Ciência dos Jornais, cujo objeto é parte do cosmo cultural e social, tem não só que investigar as leis próprias deste, como também tem que conhecer as dos outros sistemas culturais e sistemas sociais, inclusive os da sociedade moderna como um todo, com a ajuda das ciências respectivas. A teoria da Ciência dos Jornais tem então que tentar esclarecer as correlações e integrações entre os sistemas culturais e sociais (GROTH, 2011, p.110).

Cabe ao pesquisador, em mais um exercício fundamentado nas ciências culturais, saber utilizar de outras disciplinas encontradas em ciências auxiliares para que o mesmo possa abarcar outras propriedades que compõem o todo sociocultural.

Groth (2011, p. 125) considera relevante para auxílio da Ciência dos Jornais as respectivas ciências auxiliares: ciências econômicas, que incluem questões de empreendimento editorial, produção e o transporte na produção e distribuição dos jornais; ciências sociais universais da sociologia, já justificadas neste artigo; ciências política e jurídica, que diz respeito à composição da obra em conteúdo, forma e comercialização dela, assim como leis trabalhistas, que impactam na periodicidade, leis de propaganda, leis de comercialização, entre outras; ciências intelectuais com ênfase na ciência da literatura, cujo autor identifica limitações estéticas, apesar de relevantes para a composição da obra; ciências filosóficas, que, para o autor, “Sem a filosofia nenhuma teoria, nenhuma história, nenhuma tecnologia das Ciências dos Jornais pode ser desenvolvida com sucesso” (GROTH, 2011, p.133) e a psicologia, que é

validada pelo fato da obra ser “Indissolúvel com a mente com relação ao seu surgimento e à sua atuação” (GROTH, 2011, p.134).

Todavia, devemos elevar dois apontamentos que norteiam a pesquisa para que ela faça sentido na proposta da Ciência dos Jornais, a primeira, cujo Groth (2011, p.84) considera fato básico, é a de não permitir que a ideologia de que a Publicística é inerente à dos Jornais, por discordâncias epistemológicas e outros problemas de apropriação ideológica e doutrinária política que a Publicística tende a potencializar. O segundo fato é a necessidade do cuidado no uso das ciências auxiliares que, apesar de prestativas, não devem se sobressair na autoridade e singularidade que a Ciência dos Jornais se forja, como sinaliza Groth (2011) através do pensamento de Kant, “Não é multiplicação, mas sim deformação das ciências quando se permite que os seus limites sejam diluídos” (GROTH, 2011, p.93).

5. Considerações finais

O que se espera das teorias construídas através da Ciência dos Jornais proposta por Groth (2011) é que, através dessa consciência em conceber o jornalismo como obra cultural, cujo poder e influência na formação da sociedade é transmitido por meio da mediação entre jornalista, jornal (objeto materializado) e audiência, o pesquisador poderá entender como as finalidades do jornalismo se forjam nos sistemas sociais e culturais em que ele está inserido.

A complexidade em entender o jornalismo para orientá-lo por meio da teoria é um exercício difícil e que precisa ser constante e consciente, permitindo avaliações críticas que apenas um objeto de estudo tão sistematizado quanto o jornal exige para ser aprimorado. Por meio das regularidades, é possível identificar as tipificações que correspondem às necessidades de uma sociedade e de uma cultura com características únicas, tão interligadas a essa mesma obra.

Por esse motivo, a teoria se faz tão necessária para o desenvolvimento do jornalismo dentro e fora do campo científico. É apenas ao identificar as leis próprias do objeto que o pesquisador pode trabalhar com as expectativas, ou idealizações, em comparação com os efeitos reais dessa obra cultural do jornalismo. Desta forma, até mesmo tendências do sentido da obra podem ser menos turvas, uma vez que a teoria fornece subsídios para guiá-la e, gradualmente, o sentido se concretiza por meio das suas leis, como aponta Groth (2011, p.106), “Quando mais decididamente ela (a obra) cumpre o seu sentido, quanto mais aprimorada ela é, as suas leis próprias se afirmam”. Essa afirmação inclui, certamente, as perspectivas de

transformação do jornalismo desde a sua criação, até as possibilidades do seu uso no futuro, pensando nas finalidades de ferramentas, plataformas, linguagens e públicos que a obra impacta por meio da mediação de informações teleologicamente humanas.

Groth (2011) nos leva a pensar em um caminho para as teorias da Ciência dos Jornais por uma ótica que compreende os valores e finalidades do jornalismo como obra que produz e tem sentidos de informar, entreter, educar, entre outras razões que o justificam como obra teleologicamente humana. Dito isto, é um trabalho sensível de manusear o jornalismo no seu sentido teórico para a práxis, enquanto a mesma reivindica tanto dessa obra que, exatamente por sua condição de ser criação humana, de características envoltas no sistema cultural e social, que ela se torna tão complexa quanto a realidade em que valida a sua existência.

A construção bem complicada de uma obra cultural como a imprensa periódica e a quantidade enorme de interações de um sistema cultural com outros sistemas culturais e formações sociais apontam para um grande número de manifestações típicas, que a ciência tem a descobrir (GROTH, 2011, p.121).

Por fim, a proposta de Groth (2011) em “A tarefa da pesquisa científica sobre a cultura” se cumpre além dos seus objetivos em orientar o pesquisador da Ciência dos Jornais sobre possíveis trajetos a percorrer em busca de uma teoria que sintetize todas as características do jornalismo. Groth (2011) nos faz olhar para o jornalismo como um todo, uma obra criada por e para o homem, que admite a todo instante precisar dessa obra para permanecer inserido e vivo na sociedade, assim como o autor classifica ser um objeto “Tão complexo e cheio de desdobramentos, que se encontra em uma quantidade e uma intensidade de entrelaçamentos” (GROTH, 2011, p.124).

A partir deste livro, autores puderam articular teorias voltadas para o entendimento da Ciência dos Jornais como uma forma de conhecimento teleologicamente humana, que se materializa por meio de uma obra cultural e precisa de regularidades para que seu sentido se cumpra, ainda que com limitações tecnológicas ou de linguagem, mas que possa conceder mais autonomia e autoridade para esse campo que, mais do que nunca, precisa ter suas leis próprias reconhecidas. Este trabalho assegurado ao pesquisador da Ciência dos Jornais pode parecer inesgotável e laborioso, mas se estamos falando de uma ciência cujo objeto de estudo é uma obra cultural que influencia o agir e o pensar do ser humano, então Groth (2011) não erra ao reconhecer o exercício da pesquisa no campo cultural como “Uma tarefa tremenda, difícil e sem fim!” (GROTH, 2011, p.111).

Referências

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

PARK, R. E. A Notícia como Forma de Conhecimento: um capítulo da Sociologia do

Conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A Era Glacial do Jornalismo**. vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 51-70

MEDITSCH, E. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? In SOUSA, Jorge Pedro.

Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa – perspectivas luso-brasileiras. Porto: Edições UFP, 2008. p. 7-12.

XAVIER, Cíntia; PONTES, Felipe S. **As características dos jornais como poder cultural**: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth. Intercom. São Paulo, v. 42, n. 2, p.35-49, maio/ago. 2019.